

Agroecologia como território: uma análise trans-escalar das relações sociais produzidas pela Associação dos Grupos de Agricultores Ecológicos São Francisco de Assis (Assis) com a produção de alimentos agroecológicos

Anne Geraldi Pimentel

Resumo expandido

Certa vez, em uma entrevista com um camponês agroecologista Roberto Santos, ouvi ele dizer a seguinte frase: “O que eu considero o principal foi deixar de produzir matéria, para produzir alimento. Nossa propriedade produzia tabaco, e tabaco ninguém come. Começamos a produzir alimento. Isso foi uma conquista, foi um avanço”.

Esta frase, em sua simplicidade, tem um grande significado, pois em sua decisão de deixar o plantio de fumo e converter para uma produção de alimentos agroecológicos, este camponês coloca o alimento como algo central para sua vida. E o que pode ser mais central para a produção e reprodução do homem senão o alimento. Desta forma, este camponês compreende que a centralidade da vida pode estar no alimento que produz, por isso, faz questão de utilizar seus conhecimentos para plantar e colher alimentos sejam realmente saudáveis, sem contaminação de venenos, como adubos químicos, pesticidas, sementes transgênicas.

A vida como centralidade é um conceito utilizado por Amaia Perez Orozco (2014), ao perceber a degradação generalizada das condições de vida e a multiplicação da desigualdade social produzida pelo sistema de produção em que vivemos, o capitalismo. Neste, há a centralidade do lucro, da acumulação da riqueza para poucos, com o objetivo da reprodução do capital, ou seja, a vida não tem espaço na sociedade moderna ocidental. A isto, a autora, demonstra sua inquietação para se pensar em outras formas, outros projetos de sociedade, cujo objetivo seja a sustentabilidade da vida, pressupõe uma condição de vulnerabilidade e precariedade da condição humana e, para resolvê-la, é necessário uma responsabilidade coletiva e interdependente, incompatível com o capitalismo. Assim, segundo a autora Pérez Orozco (2014, p. 23), se “habla de asumir una responsabilidad colectiva para poner las condiciones de posibilidad del buen vivir; y dice que lograrlo es incompatible con el capitalismo, de otra manera, está nombrando el conflicto capital vida. En el segundo supuesto, podríamos decir que se unifican los criterios éticos, que aquí defendemos como irrenunciables, de universalidad y

singularidad: buscamos un marco universal de buenos vivires en el que la diversidad no signifique ni desigualdad ni exclusión”.

O projeto utópico da agroecologia deve, justamente, propor essa inversão da centralidade, retirá-la da busca incessante da reprodução do capital, com a intensa acumulação, e colocá-la na vida. Assim, produzir de forma agroecológica deve significar a produção de alimentos produzidos sem a exploração humana e da natureza, com diversidade, sem o uso de venenos agrotóxicos e de transgênicos. E foi desta forma que a ASSIS (Associação dos Grupos de Agricultores Ecológicos São Francisco de Assis) começou a construir sua experiência, a qual vou relatar neste artigo.

Assim, a problemática deste artigo está em investigar como a Assis produziu escalas na produção de alimentos agroecológicos e como as interlocuções com outras escalas, como a do Governo Federal, produziu repressão político-judicial através do processo de criminalização, que ficou conhecida como “operação agrofantasma”. Pretendo pensar em como a Assis produziu suas escalas na produção de alimentos de forma agroecológica, mas também como outras escalas influenciam e são influenciadas por estas relações sociais. No entanto, como este seria um estudo multiescalar, é preciso delimitar as escalas a serem descritas e articuladas. Desta forma, escolhi verificar o movimento entre as escalas do Governo Federal e suas relações com a Assis. Movimento que se supõe seja tanto no sentido de que a Assis transforma as políticas públicas do Governo Federal, principalmente o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), como as políticas de repressão judicial transformam as relações de produção dentro da Assis.

Para a composição de um breve histórico sobre a Assis, utilizo uma metodologia da história, que consiste no uso de fontes orais para a reconstituição de fatos passados, aos quais não há muitos registros documentais. Constituem instrumentos para a coleta de dados entrevistas orais gravadas (SELAN, 2004). Desta forma, foram utilizadas, uma entrevista, ocorrida no dia 24 de julho de 2016, com os camponeses agroecologistas Roberto e Gelson, e a fala do agricultor Gelson, em um evento do projeto de extensão “Feira de Agroecologia” (UNICENTRO, Campus Irati), em parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Práticas sobre a Relação Homem Trabalho (NUHTRA), realizado no dia 12 de maio de 2016, como o tema “O trabalho familiar na agricultura camponesa agroecológica: relato dos participantes da Feira Agroecológica da UNICENTRO”.

A ideia de utilizar esta ferramenta metodológica surge da busca por se matutar novas formas de construção da investigação social, que pudessem repensar as relações de poder

encontradas entre o sujeito pesquisador e os sujeitos da pesquisa, como relata Solano e Speed (2015, p. 458) em suas buscas por novas experiências de “co-labor”, nas quais os saberes indígenas contribuem na teoria e na prática para uma investigação descolonizada.

Assim, utilizo as fontes orais como ferramenta para explorar novos caminhos que permitam dar voz aos sujeitos da pesquisa, para expressarem seus conhecimentos e fazerem parte da pesquisa. Espero que esta aventura corresponda à esta expectativa e que os camponeses agricultores possam se reconhecer como sujeitos construtores de suas próprias relações sociais.

A esta altura do texto, você já deve ter percebido que os verbos foram conjugados na primeira pessoa do singular, o que me parece ser muito criticado pela comunidade acadêmica, para a qual a ideia de neutralidade está bastante arraigada. Esta neutralidade científica moderna propõe uma pretensa externalidade do objeto que se pesquisa, com a intensão de manter uma determinada objetividade e um papel do sujeito pesquisador de forma passiva, como aponta José Paulo Netto (p. 25, 2011). Digo pretensa externalidade do objeto de pesquisa, que nas ciências sociais é a própria sociedade na qual vivemos, portanto, essa externalidade não é possível, posto que não temos como nos separar da sociedade, do objeto de pesquisa. É por este motivo que me alio à teoria marxista, para a qual o sujeito está inserido no contexto da pesquisa, influencia e é influenciado pelas ações, neste sentido pode criar e recriar a realidade através de suas ações, ou seja, o sujeito pesquisador tem um papel ativo (NETTO, 2011, p, 25), para que possa alcançar a compreensão do fenômeno no sentido de desvendar sua essência. Desta forma, justifico o uso da primeira pessoa do singular no discurso, com a intensão de mostrar a minha relação com a pesquisa e seus sujeitos pesquisados e negar a ideia de neutralidade do sujeito pesquisador; bem como assumir uma posição política e ideológica em favor da agroecologia como um novo mundo possível, no qual a vida é pensada como centralidade.

Assim, como considerações finais, infiro que a construção de um projeto de produção agrícola centrado na sustentabilidade da vida: a Assis, que criou novas relações sociais e com a natureza, na produção de alimentos verdadeiramente saudáveis. E que a escala da Assis não só produziu novas relações sociais, mas também novos conflitos. Influenciou e foi influenciada por outras escalas, como a do Governo Federal, que por um lado, através das políticas públicas, como o PAA, transformou as relações dentro da escala da Assis. E por outro, através de um aparato jurídico-político insurgiu a repressão do movimento da Assis na construção do projeto agroecológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FERNANDES, Bernardo M.. Soberania alimentar como território. In: TÁRREGA, M.C.V.B.; SCHWENDLER, S.F. (org.). Conflitos agrários: seus sujeitos, seus direitos. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.
- NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PÉREZ OROZCO, Amaia.. Subversión feminista de la economía: aportes para un debate sobre el conﬂicto capital-vida. Madrid: Traficantes de sueños, 2014.
- SELAN, Mauricio da Silva. História Oral: Uma metodologia para o trabalho com fontes orais.. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. pp. 217-228, jan. 2004. ISSN 2175-7976. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486>>. Acesso em: 13 fev. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/486>.
- SOLANO, X.L.; SPEED, S.. Hacia la investigación descolonizada: nuestra experiência de co-labor. In: SOLANO, X.L. (org) et ali. Praticas otras de conocimiento. Entre crisis, entre guerras. Tomo I. México: Cooperativa Editorial Retos, 2015.